

# Uma outra história da Antropologia Visual no Brasil: as trajetórias de Vilma Chiara e Harald Schultz<sup>1</sup>

Maria Júlia Fernandes Vicentin, USP<sup>23</sup>

Palavras-chave: História da Antropologia; Antropologia Visual; Museologia

## Introdução

Não seria possível indagar-me sobre qualquer aspecto da produção etnográfica de Vilma Chiara e Harald Schultz sem antes silenciar-me diante da morte de minha principal interlocutora de pesquisa, Vilma Chiara, no último dia 06 de agosto de 2020. É com muito pesar, mas também com alegria em tê-la conhecido, que trago seu sopro de vida para esse texto e para os meus próximos tempos de pesquisa com seu acervo. Com todo o respeito que me cabe enquanto uma jovem mulher aspirante à antropóloga, aprendiz dos caminhos e histórias de Vilma Chiara, apresento-lhes algumas de suas palavras autobiográficas disponíveis em seu site na internet:

Quando despertei para a vida, em São Paulo, capital, tinha a intenção de me formar em Economia Política. Por um empurrão do destino... dei uma olhada no currículo do Curso de Ciências Sociais, ali perto. Deu-se o “estalo” da paixão. Ele mudou totalmente o curso da minha vida. Casei-me com a aventura. Literalmente. Estava traçada a via sinuosa das pesquisas etnográficas nos mais distantes rincões do país.

As experiências sociais da vida indígena se tornavam minhas experiências registradas nas páginas e nas vitrines do Museu das margens do rio Ipiranga, ali onde ressoou o “grito da liberdade”.

Então, uma asa da aventura se quebrou. Encontrei-me só no escuro de uma porta fechada. Haveria outra? Sim, a porta da escalada pela torre da Ciência plantada na França. Lá, completei meus graus acadêmicos. De repente, passou uma aventura. Agarrei-a pelos cabelos e fui parar no Piauí onde cá como uma âncora para preparar os laços e as instalações da Missão Franco-brasileira de Arqueologia.

Era um Brasil desconhecido, perdido na beleza do semi-árido com caprichosa paisagem rochosa onde foram desenhadas, pintadas, gravadas, cenas testemunhas da experiência social indígena vivida há muitos séculos. O

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) [2020/03824-8].

<sup>3</sup> Agradeço à minha orientadora Sylvia Caiuby Novaes e aos colegas Jardel Jesus Santos Rodrigues e Leandro Carneiro de Souza pelo apoio à escrita deste primeiro artigo, à atenta leitura e aos generosos comentários.

mundo velhíssimo no Novo-mundo. Ao ser contratada como professora de antropologia, reconsiderarei minha formação teórica nas vias da antropologia. Aulas teóricas, fogo apagado...? Não! O vício da pesquisa aguilhoava sempre. Deixei a âncora e fui lutar por novos ares com ousadas braçadas pelas ondas emocionais insuspeitadas da nossa – minha e sua – experiência social.

A nova aventura foi um mergulho nas páginas da Bíblia Sagrada para resgatar os símbolos das nossas emoções, como acabara de fazer com sucesso na aldeia de adoção, quando perguntava ao narrador de histórias no pátio: como o nosso mundo começou? O que aconteceu no tempo dos “antigos véios” quando nem existia gente? Como era o mundo? A resposta era oral, tal como foi oral a leitura dos versículos do Gênesis. Os professores do Departamento de Ciências Sociais se juntaram para ouvir e, juntos, erguemos os véus do nosso inconsciente.

Assim é a Antropologia. Essa disciplina férrea nos tempera. Nos leva da brasa das emoções, ao frio da razão. Aprendemos com ela, a observar sem julgar, a viver na aventura ininterrupta da pesquisa, nas discussões acesas das palestras que abrem portas ao conhecimento. Por isso, tornei-me apaixonada palestrante ao propor: vamos tentar essa proeza juntos, aqui, agora? (VILMA CHIARA, Acesso em: 07 de outubro de 2020)

Não me é simples falar sobre Vilma, antes interlocutora ativa, agora recolocada em minha pesquisa sob o espaço-tempo da memória e da resistência de sua imagem sonora. Receio em deixar, pouco a pouco, de ouvi-la, restando-me, apenas, seus arquivos sem pausas, sorrisos ou suspiros. Penso nos momentos etnográficos (STRATHERN, 2014) que serão daqui em diante atualizados e nos resquícios de nossos encontros que farão parte desta pesquisa. Mas seguindo suas palavras apresentadas e seu próprio convite, é preciso, ainda que por um instante, caminhar sob a brasa das emoções e o frio da razão. Seguiremos com essa proeza, ainda juntas, diante de mais essa reformulação desse aqui e agora etnográfico.

Entre autodidatas e formados

Vilma Chiara e Harald Schultz formaram um casal de etnólogos atuantes em cerca de vinte povos indígenas no Brasil durante a primeira metade do século XX. Harald Schultz, de origem brasileira e alemã, era fotógrafo e ao ingressar no Serviço de Proteção aos Índios em 1939, teve sua formação para trabalhar junto aos povos indígenas com o Marechal Rondon e com o etnólogo autodidata Curt Nimuendajú. Em 1946 foi convidado pelo professor de etnologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), Herbet Baldus, a ser seu assistente de pesquisa, integrando assim o quadro de funcionários do Museu Paulista.

Logo quando se muda para São Paulo, em 1946, Schultz começa a assistir as aulas de Baldus na FESPSP e de Egon Schaden na USP. É nesse ambiente, mais

precisamente durante as aulas de Baldus na FESPSP, que Schultz e Chiara se conhecem. Vilma Chiara, filha de imigrantes italianos, cursava Ciências Sociais na FESPSP e logo inicia também um estágio no Museu Paulista.

O casamento acontece em 1950, e desde sua “viagem de núpcias”, Vilma começa a acompanhar Schultz em diversas viagens a campo. Em 1956 é contratada por Baldus para ser conservadora das coleções etnológicas do Museu Paulista, e seguindo o percurso museológico, Vilma começa a se interessar também pela “comunicação” das exposições do museu com o público visitante. Assim, em 1960, Vilma viaja para estudar em museus estadunidenses como o Smithsonian Institut, Philadelphia Museum e Natural History Museum. Nessas instituições Chiara se aprofunda nas técnicas de conservação, restauro e organização de acervos, e aprende também sobre visitas em museus e expografia. Segundo ela, naquela época não existia a área de “educativo” no Museu Paulista, e pelo que Vilma anuncia, ela foi a primeira a se dedicar à construção desse campo na instituição.

Com a morte de Schultz em 1966, Chiara muda-se para França com seu único filho, Alexandre Schultz, e prossegue com seus estudos e pesquisas etnográficas, cursando seu mestrado e doutorado em Paris na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, enquanto faz estágio no Musée de L’Homme. Retorna ao Brasil em 1979 quando é contratada para lecionar Antropologia na Universidade Federal do Piauí. Ainda que menos ativa na disciplina nos últimos anos de vida, aposentada desde 1995, com 12 anos de dedicação ao Museu Paulista e 18 anos como Docente da Universidade Federal do Piauí, Vilma é sem dúvidas dona de um currículo admirável, sobretudo para uma mulher etnóloga de sua época.

### Fragmentos e salvamentos: a feitiçaria antropológica

Desde o meu primeiro encontro com Vilma Chiara em sua casa em Curitiba em 2018 e 2019<sup>4</sup>, sob o pretexto de pesquisas de Iniciação Científica, Chiara não deixou em nenhum momento de demonstrar sua paixão pela antropologia e conversar comigo

---

<sup>4</sup> A primeira Iniciação Científica realizada na vigência 2017/2018, intitulada *Harald Schultz, Vilma Chiara e a Enciclopédia Cinematográfica do Instituto do Filme Científico de Göttingen: uma análise do projeto em uma perspectiva contemporânea*. A segunda, entre 2018/2019, intitulada *Harald Schultz e Vilma Chiara: agência e recepção da Enciclopédia Cinematográfica do Instituto do Filme Científico de Göttingen*, ambas financiadas pelo PIBIC-CNPq, sob a orientação de Sylvia Caiuby Novaes.

abertamente a respeito da sua trajetória e de Schultz, suas alegrias, desafios e mazelas ao longo de suas vidas.

Seguir as suas narrativas era estar imersa, trabalhar a escuta e algumas vezes, fazer provocações e questionamentos durante os nossos encontros. Contudo, Chiara me reprovava em alguns momentos. Dizia: “eu aprendi que o campo é observacional. Devemos manter silêncio, ficar quietos, deixar os nossos interlocutores falar. Você pergunta demais!”.

Esse negócio que vocês querem de mim, puxar, tirar coisas do meu passado: eu detesto o passado. O passado pra mim é horrível. Por dois motivos: primeiro porque eu acho que o que passou, passou. E me atrapalha por que nem sempre.. não tem memória que aguarde 60 anos. Olha, eu tinha 23 anos quando eu comecei a trabalhar. “Vilma, o que você fazia quando começou a trabalhar? Sei lá o que eu fazia! (CHIARA, Vilma. Entrevista concedida em 12 de maio de 2018, Curitiba-PR).

Impasses constantes: deixar que ela me levasse através das suas narrativas sobre os seus trabalhos atuais ou provocar o retorno ao tempo etnográfico de pesquisa entre os povos indígenas? Mesmo me sentindo uma interlocutora desagradável por ter que provocar certas lembranças, percebo que esse movimento proporcionou narrativas potentes, as quais tivessem permanecido apenas na memória de Chiara, seria infortúnio para o contorno de uma outra história da antropologia no Brasil.

Se eu notava certa incompletude em suas narrativas, elas eram constantemente reiteradas por Chiara: “Não confie na minha memória, ela é falha!”. Contudo, ainda assim, o sentido da perda me invadia. Nem os documentos e nem a sua fala eram suficientes para responder todas as minhas perguntas. Por que o sentido de perda em nosso exercício etnográfico segue sendo a frustração de nossos trabalhos?

Seja a Chiara com a sua “memória falha”, seja eu atrás dos “lapsos” de sua produção salvaguardada pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e que venho trabalhando desde 2014<sup>5</sup>, carrego as nossas duas sensações de “perda” e “incompletude” ao encontro dos clássicos etnógrafos da expedição de Cambridge em 1898 (STRATHERN, 2014, p. 346), ou da “antropologia salvacionista” comentada por Sylvia Caiuby Novaes (2012) e Christiano Key Tambascia (2013). Ora, será que estou diante dessa experiência antropológica comum que pretende registrar da forma mais completa possível o que irá minguar? (STRATHERN, 2014, p. 346).

Chiara repetiu inúmeras vezes durante as nossas conversas que naquela época, ela, Schultz e todos os seus contemporâneos, acreditavam que os povos indígenas no

---

<sup>5</sup> Entre 2014 /2015 e 2016/2017, realizei dois anos de estágio junto à seção de conservação do MAE-USP. Um dos objetivos do trabalho foi a finalização do inventário geral da “Coleção Harald Schultz”.

Brasil estavam fadados ao desaparecimento. Por isso, era necessário documentar, fotografar, filmar, coletar objetos, escrever, ou seja, etnografar esses povos, antes que viessem a desaparecer.

A etnografia profissional, desde sua origem — quer se a localize nas entrevistas de Lewis Henry Morgan com os Iroqueses ou nos veraneios de Boas e seus alunos em reservas indígenas —, tem sido uma “arqueologia do vivente” (na fórmula de Lévi-Strauss), um esforço de salvamento, obcecado não somente pelo declínio da cultura indígena, mas pela perda até mesmo de suas memórias (SAHLINS, 1997, p. 10).

De fato a cultura dos povos indígenas se transformou, ainda que o “desaparecimento” seja uma constante quando tratamos de números históricos referentes à colonização e ao genocídio na América. Mas como Vilma mesma comenta, o desaparecimento não foi o que ocorreu com a maior parte dos povos com quem tiveram contato durante a segunda metade do século XX.

Sabemos que tal horizonte antropológico, este da extinção e da perda, foi amplamente difundido até meados dos anos 70 pela maior parte dos etnólogos no país e, talvez, também em outros países. Atualmente, teóricos como Caiuby Novaes (2012) e Tambascia (2013) nomeiam essa perspectiva de atuação antropológica como uma “antropologia salvacionista”.

Ao retomar esses momentos etnográficos com Vilma, percebo o quanto o meu anseio em obter o máximo de informações e narrativas sobre a sua trajetória durante os nossos encontros, talvez – e ainda bem -, tenha cedido lugar a memória e apenas algumas gravações. Isto é, poucos registros, nada exaustivos. Talvez em algo me incomodasse a minha posição em busca de um “exaustivo registro” de sua trajetória e suas narrativas antes que Vilma viesse a “desaparecer” entre nós.

Não me agrada a ideia de ser uma salvacionista de historiografias antropológicas. Mas diante do que me foi apresentado e provocado por ela em nossos encontros, como balancear a responsabilidade que me cabe hoje de discorrer sobre a sua produção, seu pensamento e a sua trajetória?

Poucos foram os trabalhos que se dedicaram a pesquisar as trajetórias e as etnografias de Harald Schultz e Vilma Chiara<sup>6</sup>. Ao que tudo indica, talvez eu tenha sido a última interlocutora de pesquisa com Chiara nesses dois últimos anos. Seria uma lástima não compartilhar algumas narrativas inéditas apresentadas por ela a respeito de sua trajetória e de Schultz.

---

<sup>6</sup> Ver (CAMPOS, 1999; BATISTELLA, 2017).

Sua história me afeta e espelha – ainda que com projeções distintas – o meu próprio trânsito entre os povos indígenas, ou mesmo os meus anseios e medos enquanto uma jovem antropóloga. Assim, tenho vivido nesses últimos anos uma “feitiçaria antropológica” – aludindo e invertendo a ideia de Jeanne Favret-Saada (2005) – com as etnografias de Vilma Chiara e Harald Schultz, a partir, sobretudo, de narrativas desconhecidas por mim a respeito do ofício antropológico, seus desafios e as tantas receitas sem medidas para a realização das nossas etnografias, bem como as histórias autocontidas de etnólogos sobre suas trajetórias. Hoje essas histórias transbordam conforme reconheço a simultaneidade de alguns de nossos afetos. “Ora, eu estava justamente no lugar do nativo, agitada pelas ‘sensações, percepções e pelos pensamentos’ de quem ocupa um lugar no sistema da feitiçaria” (Favret-Saada, 2005, p. 159).

Ainda que eu deseje pesquisar outros temas na antropologia, ou mesmo estar em campo com os indígenas, é como se a antropologia, e em especial essas etnografias de Chiara e Schultz, tivessem me enfeitiçado ao ponto de sentir-me atordoada por não dar vazão a essas narrativas sobre a trajetória e produção de Vilma Chiara e Harald Schultz, sobretudo depois de tantos encontros e desencontros com esse material e com Vilma. Com esse primeiro artigo, faço desse exercício um início. Diante de um momento etnográfico único, cuja oralidade de Chiara transforma-se, aos poucos, em escrita. Uma urgente afetação etnográfica perante mais uma história da antropologia ainda pouco conhecida.

#### Das coleções e arquivos às narrativas

Meu primeiro contato com a produção etnográfica do casal se deu a partir do acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP), quando fui estagiária na seção de conservação no período de 2014/2015 e 2016/2017, executando com a equipe do museu o inventário geral da “Coleção Harald Schultz”. Durante esse período foram inventariados mais de 7.000 objetos referentes a essa coleção, assim como digitalizada e reorganizada a documentação, a fim de ser produzido um catálogo deste que é o principal acervo etnológico atualmente da instituição. Foi também durante este período de trabalho que entrei em contato com a coleção de imagens produzidas por Chiara e Schultz, também salvaguardadas pelo MAE-USP.

Num primeiro momento, pensava que o casal de etnólogos tinha se debruçado apenas à atividade de coleta de objetos e escrita etnográfica, o que era mais “comum” entre os etnólogos da época. Mas a coleção imagética que se encontra no MAE-USP - cerca de 1.000 negativos fotográficos e cerca de 60 filmes mudos, acompanhados de uma ementa descritiva em alemão, produzidos para o projeto da Enciclopédia Cinematográfica do Instituto do Filme Científico de Göttingen na Alemanha (IWF) – me indicavam novos caminhos para uma análise da trajetória desses etnólogos.

A coleção de imagens, desde o primeiro momento, me pareceu tão relevante quanto a coleção de objetos, engendrando inquietações como: Vilma Chiara e Harald Schultz eram etnólogos e fotógrafos? Com quais fins foram produzidos essas imagens e esses filmes? Outros etnólogos no Brasil durante esse mesmo período utilizavam dos recursos imagéticos para a produção de seus registros, descrições e etnografias em campo? Algumas dessas perguntas foram gradualmente respondidas por meio de pesquisas bibliográficas, e outras delas, acessadas apenas a partir das narrativas de Vilma Chiara.

Na ocasião da minha primeira visita à etnóloga, em 2018, pergunto-lhe qual era a atividade a que ela e Schultz mais se dedicavam durante o período de pesquisa entre os povos indígenas. Ela me responde “fotografar e filmar”. Segundo Vilma a paixão de Schultz era a fotografia, “ele vivia com a câmera grudada no corpo”, quase como um terceiro olho. Já Vilma, detinha uma formação em antropologia. Assim, “juntamos o útil ao agradável”, dizia ela. Contudo, durante as nossas conversas Vilma me alertava que o seu trabalho e o de Schultz com as imagens gerava certos incômodos com alguns de seus pares:

Baldus acreditava nessa antropologia salvacionista, de coleta dos objetos. Nós fomos achando que estávamos salvando mesmo, mas o caso é que não salvamos. Porque os índios continuaram. Então o Baldus dizia assim, “Vocês vão coletar informação porque daqui a 10 anos não haverá mais índios, estarão desculturizados”. [...] Baldus queria encher o museu de peça e o Haroldo de fotografia. Nos queríamos imagem, fotografia. Para nós valia mais. Era visceral. A fotografia para ele era uma atividade visceral. [...] Nós escolhíamos os temas a serem filmados para o Instituto. Por exemplo, a gente escolhia, via objetos que iríamos levar para o museu, coleções. Esses objetos iam para o Museu Paulista para o Baldus. Ele queria encher o Museu Paulista de tantos objetos que era obrigado a sair de lá, para ter o MAE. [...] Às vezes o Baldus era muito sacana, ele gostava de mim, mas detestava o Haroldo. Porque ele dizia a mim, “fala pro Haroldo largar a máquina fotográfica, porque isso só atrapalha”. Eu, quieta. Porque eu sabia que o Baldus tinha ciúmes.. era através das fotografias do Haroldo que ele tinha publicações no Nacional Geographic, ele tinha muita abertura, por causa das fotografias. E o Baldus tinha ciúmes, pode? [...] Disse assim para o Haroldo: “enquanto você anda com essa máquina no pescoço você esta prejudicando suas pesquisas”. Você vê que é um tempo que você nem imagina que existe... Fotografar não

era antropologia. Fotografar atrapalhava a pesquisa (CHIARA, Vilma. Entrevista concedida em 12 de maio de 2018, Curitiba-PR).

Por outro lado, segundo Chiara, Egon Schaden, professor de antropologia da USP, muito próximo também ao casal, foi quem mais os apoiou com a documentação imagética. Foi Schaden (1980) quem durante o seu período como diretor da Escola de Comunicação e Artes da USP firmou um convênio com o Instituto de Filme Científico de Göttingen (IWF), com o propósito de que a faculdade recebesse mais de mil cópias dos filmes da Enciclopédia Cinematográfica. Entre os filmes, 107 filmes etnológicos, sendo cerca de 60 deles produzidos pelos colegas Harald Schultz e Vilma Chiara durante as suas pesquisas entre os povos indígenas.

O casal se relacionava de modo apaixonado com as imagens e, mais além, acreditava nelas enquanto meio científico de um fazer etnográfico. Tal como afirma Chiara, o que faziam com a fotografia e as filmagens era pesquisa. Assim, o trabalho do casal também cumpria métodos, sobretudo no que diz respeito à utilização dos instrumentos cinematográficos.

O Haroldo fotografava de tal maneira que reproduzia uma cena depois da outra. Você tem o objeto sendo feito, que é muito importante. Começando pelo índio andando na estrada e catando folha pra fazer cesto. Primeiro catar folha, depois botar folha assim, depois trançar assim, etc. [...] A gente discutia muito, organizava antes os objetos que eram traduzíveis em documentação cinematográfica. Tinham que ser ideias concretas, como a gente iria filmar um pensamento? Então você precisava filmar a confecção disso, daquilo, etc. Eles [IWF] queriam sem áudio. E o áudio perturba mesmo. Pra que áudio? O áudio perturba. As informações que eram relevantes sobre o artesanato, eu anotava. Eu acrescentava no texto, as informações obtidas durante a filmagem, durante essa operação. O Haroldo estava mais preocupado na informação visual e eu na informação etnográfica. Porque era eu que perguntava, que ia, que era xereta. (Vilma CHIARA, Entrevista concedida em 12 de maio. 2018, Curitiba-PR)

Em meio às várias narrativas sobre as experiências e metodologias em campo do casal, isto é, como eles se preparavam para as viagens, como era o contato com os indígenas ou como faziam para fotografar, filmar e coletar objetos durante as suas pesquisas, Vilma me conta que as cerca de mil fotografias salvaguardadas pelo MAE-USP não são nem a metade do acervo particular de imagens que questão sob sua posse. Segundo ela são mais de 21.000 mil negativos fotográficos realizados por eles durante a segunda metade do século XX.

Os arquivos etnográficos e seu duplo, os *arquivos pessoais*, são construções culturais cuja compreensão é fundamental para entendermos como certas narrativas profissionais foram produzidas e como sua *invenção* resulta de um intenso diálogo envolvendo imaginação e autoridade intelectual (CUNHA, 2004, p. 322).



Se o número de objetos salvaguardados pelo MAE-USP se configura hoje como uma das coleções de objetos indígenas mais pujantes da história da etnologia no Brasil, as imagens de Schultz e Chiara, ao que nos indica, se configuram como uma das mais relevantes coleções imagéticas referente a povos indígenas já realizada por etnógrafos no país.<sup>7</sup>

Museus etnográficos: entre redes, pessoas, coleções e arquivos.

Os gabinetes de curiosidade, enquanto projetos embrionários do que viriam a ser os primeiros museus etnográficos do final do século XIX na Europa, nos apresentam o local de nascedouro da antropologia enquanto disciplina científica. A partir da constituição dos museus etnográficos enquanto locais de preservação, exibição e interpretação da cultura material de povos exóticos e distantes do contexto ocidental, o projeto colonial encontrou nessas instituições espaço ideal para o depósito de seus saques e, logo em seguida, de suas trocas e compras de objetos.

A antropologia, como bem sabemos, tem em sua história um trajeto que, primeiramente, ao medir os corpos e ossos dos povos primitivos, se aproximava de um fazer científico mais vinculado às ideias das ciências naturais do que das ciências humanas. Isto é, a antropologia física conforme concebida, servia para atestar a supremacia da civilização ocidental e dos corpos brancos sobre os selvagens através, sobretudo, dos tipos físicos.

A antropologia, por sua vez, era entendida enquanto disciplina como um ramo dos estudos zoológicos e botânicos, tanto que muitas vezes temas propriamente antropológicos apareciam em meio a artigos sobre a flora ou a fauna local. (SCHWARCZ, 1993, p. 81).

Da mesma forma, os objetos coletados serviram aos primeiros cientistas - antes naturalistas e logo em seguida antropólogos sociais e culturais -, para a construção de uma história da evolução tecnológica e cultural entre os povos. Não é de se admirar que os povos andinos, por exemplo, devido à utilização de metais eram, aos olhos destes pesquisadores da época, povos mais “evoluídos” em comparação aos ameríndios das terras baixas amazônicas (STEWART, 1941).

---

<sup>7</sup> A título de comparação, a coleção Carlos Estevão de Oliveira, uma das mais relevantes no campo da etnologia no Brasil, atualmente salvaguardada pelo Museu do Estado de Pernambuco, segundo Nilvânia de Barros, Renato Athias e Wilke Torres (2012), a coleção conta com “mais de 3.224 peças etnográficas e arqueológicas de diversos povos indígenas, e um precioso conjunto com cerca de mil e quinhentas fotografias realizadas provavelmente no período entre 1909 a 1946”.

Tal perspectiva de estudos em torno da cultura material consagrou no começo do século XX o apogeu dos museus etnográficos enquanto instituições de pesquisa científica, engendrando, por fim, esse local primordial da antropologia enquanto disciplina fundada no encontro com esse “outro” que, ao longo dos anos, tornou-se cada vez menos selvagem e primitivo, mas sim digno de investigação, respeito e por vezes romantização, por parte dos etnólogos promotores dessa perspectiva da cultura material enquanto base de uma investigação antropológica. Tal transição de perspectiva ocorreu também no Museu Paulista, sobretudo com a mudança de chefia de Hermann Von Hering, envolvido numa tensa discussão sobre o extermínio de indígenas, para a chefia do historiador Sergio Buarque de Holanda.

Uma segunda e importante fase de mudanças no Museu Paulista viria em 1946. Com essa reforma, o historiador Sérgio Buarque de Holanda passou a ser o diretor do museu e, como tal, mudou o rumo das investigações feitas ali, do mesmo modo como suas obras do período propuseram um novo tipo de interpretação – menos idealizada, pode-se dizer – do processo de colonização do interior da América Portuguesa. O diretor criou a seção de etnologia, fez duas novas contratações [H. Baldus e H. Schultz] e retomou a publicação da *Revista do Museu Paulista*. Essas mudanças, que agora serão examinadas com mais detalhe, viriam a marcar o novo perfil daquela instituição, bem como acentuar sua atuação no campo da antropologia (FRANÇOZO, 2005, p. 589).

Herbert Baldus é conhecido na história da etnologia no Brasil como um dos principais expoentes dessa corrente de investigação antropológica alemã que apostava nos objetos etnográficos enquanto um dos meios de investigação e registro do processo de “aculturação” dos povos indígenas. Era através da observação do desaparecimento de objetos tradicionais de um povo em análise, que o pesquisador poderia notar o processo da aculturação, isto é, da perda dos costumes e da cultura a partir da utilização de novos objetos advindos do ocidente, como as panelas de ferro e os sapatos de couro (SAMPAIO-SILVA, 2000, p. 30). A palavra de ordem era salvar o que mais se pudesse, uma vez que imperava a ideia de que essas culturas se extinguiriam, estando os “vestígios” mais bem preservados nos museus metropolitanos. (SCHWARCZ, 1993, p. 69).

Não há como negar que Schultz e Chiara estavam envolvidos com essa perspectiva antropológica, como bem salientou Chiara em nossas conversas. Contudo, o intuito de trazer essas narrativas é elencar como nessa história dos museus etnográficos brasileiros, Schultz e Chiara são, sem dúvidas, precursores na utilização das imagens etnográficas enquanto recurso de documentação indispensável, e complementar aos

objetos etnográficos, para o registro cultural dos povos indígenas, fadados naquele momento, conforme se pensava na época, ao desaparecimento e a aculturação.

Com efeito, entender as alianças e os conflitos entre intelectuais em um determinado período é também uma maneira de compreender como foram forjados seus temas e problemas de pesquisa, bem como suas opções interpretativas e metodológicas. Isto, por sua vez, pode ser feito por meio do estudo de uma instituição. Como afirma George Stocking Jr., ‘uma maneira frutífera de apreender os processos e dinâmicas da relação das idéias com seu contexto mais amplo pode ser através do estudo de contextos institucionais’ (1968, p. 271 apud FRANÇOZO, 2005, p.587).

Muito além de contornar essa história institucional que ainda é pouco ou nada conhecida em nossa disciplina, ou ainda, localizar Chiara e Schultz enquanto etnólogos de seu tempo, precursores da antropologia visual diante do contexto museológico brasileiro, o objetivo desta pesquisa é também investigar as alianças e os conflitos entre os intelectuais desse período, a fim de que consigamos refletir a respeito do esquecimento histórico dessas narrativas por parte da antropologia.

Deste modo, procuro, assim como Tambascia (2013), pensar em algumas redes que pesquisa que se formavam naquela época, para logo então, pensar como não apenas as coleções de objetos apontam para certa tradição antropológica, mas no caso de Chiara e Schultz, que tradição imagética é esta da qual estes etnólogos são expoentes?

é a possibilidade de que, mais do que considerar Nimuendaju, e toda uma tradição romântica naturalista da qual fez parte, como apenas produtores de coleções, dado um certo conhecimento etnológico, talvez seja possível pensar como ele e sua obra foram formados por uma intrincada rede. Uma rede de financiamento possibilitada pela relação com instituições acadêmicas e museológicas, mas também pela forma como sua presença em campo, bem como a possibilidade de formar coleções, por exemplo, era negociada localmente e nacionalmente (TAMBASCIA, 2013, p. 106).

Dos objetos e textos às imagens: com quantas grafias se faz uma história da antropologia?

Assim como os museus etnográficos, as imagens também possuem uma história imbricada à da antropologia. É primeiro através dos desenhos, e logo em seguida, através do surgimento dos dispositivos imagéticos de fotografia e filme no final do século XIX, que os povos primitivos passam a ser supostamente representados em sua realidade selvagem aos civilizados, sedentos por notícias dessas localidades distantes e exóticas. Assim, o uso das imagens por naturalistas e viajantes e, logo em seguida, antropólogos, é também uma constante nesta disciplina.

Contudo, o caso do Vilma Chiara e Harald Schultz é emblemático no que diz respeito à formação dos centros de pesquisa antropológica no Brasil, pois no projeto desse casal de etnólogos, a fotografia e o filme se estabeleciam como dispositivos de registro tão potentes quanto a coleta de objetos ou os textos etnográficos. Não à toa a coleção de imagens etnográficas é tão pujante quanto a dos objetos etnográficos.

O que me interpela a seguir o caminho das imagens na produção etnográfica desse casal é o motivo pelo qual a produção etnográfica de Vilma Chiara e Harald Schultz foi praticamente esquecida na história desta disciplina. A resposta, ainda que provisória, talvez esteja no fato de que no fazer científico, a condição da escrita, diferentemente da imagem, foi a forma mais legitimada, digna de investigação e citação, sobretudo no caso da disciplina antropológica que se construiu no Brasil nas últimas décadas. Levando em conta que boa parte da produção etnográfica do casal aconteceu por meio das imagens, estaria a antropologia brasileira nesses últimos anos mais preocupada com a objetividade científica, a análise dos textos, explicações e descrições etnográficas da alteridade, ao invés de elaborar sobre a subjetividade, a experiência, o engajamento e a imaginação etnográfica?

A partir da exposição da forma como a antropologia festeja ou condena seus autores, construindo a própria história da disciplina, a autora [Strathern, 2013] procura realizar sua análise não com foco em um suposto pioneirismo ou uma singularidade teórica destes autores, mas nos contextos em que suas ideias têm ou não sucesso de se firmarem junto ao seus leitores. Figuras centrais ou periféricas da antropologia cujas propostas podem não ser muito diferentes entre si, mas que ocupam espaços completamente distintos na historiografia científica por inúmeras razões (TAMBASCIA, 2013, p. 112).

Ora, seguindo a proposição de Marcelo Mello (2011, p. 191) se o passado é um campo de disputas, as mediações com os arquivos podem oferecer ferramentas para tematizar os discursos e versões do passado, além de fornecer subsídios que permitam estabelecer continuidades com o campo de disputas que se configura no presente.

Adiciono que a forma desses arquivos, compreendidos enquanto modos de se fazer etnografias, isto é, escrita e imagem, por exemplo, também está diante de um campo de disputa que deve ser tematizado e investigado desde sua gênese, a fim de que sejam elencadas as legitimações oferecidas pela nossa disciplina a partir de sua historiografia.

Antes que a escolha por contornar mais essa história da etnologia no Brasil esteja apenas situada sob a trajetória de Chiara e Schultz, essa escolha etnográfica é, em alguma medida, também política. Nesta pesquisa, além de travar uma reflexão a respeito da historiografia da antropologia no Brasil, ela também quer suscitar uma reflexão em

torno da situação das imagens nas pesquisas etnográficas. Antes que tomemos a antropologia visual enquanto uma subárea de antropologia, é relevante perceber que a sua porosidade contamina e provoca reflexões aos antropólogos tão desafiadoras quanto as reflexões trazidas pela escrita etnográfica.

É apenas após a “crise da representação das ciências sociais” (MARCUS e FISCHER, 1986) que a antropologia, por meio da escrita, começa a se questionar sobre a objetividade de suas narrativas, tensionando desde então ideias como ficção e invenção em suas etnografias. As imagens, por sua vez, desde seu nascimento, já antecedem e apontam para essas tensões entre o ficcional e o real, a arte e o documento, o subjetivo e o objetivo. Logo nos anos 50, a concepção de Jean Rouch em torno das docuficções e da antropologia compartilhada, são um marco não apenas na história do cinema, mas também da própria antropologia, ao provocarem reflexões que permeiam até hoje o fazer cinematográfico e também o etnográfico.

Portanto, discorrer sobre uma história da antropologia visual é antes discorrer sobre uma história da antropologia e das dinâmicas de legitimação e poder em nossa disciplina, sobretudo diante da multiplicidade dos arquivos enquanto possibilidade de grafias a serem, não somente, investigadas em sua objetividade científica, mas também em sua invasão subjetiva, na imaginação e na afetação etnográfica que contaminam cada dia mais esta disciplina.

Aqui, junto à memória de Vilma, caminharemos ao longo da brasa das emoções e do frio da razão, como ela mesma nos convida, conduzindo essa pesquisa através da proposta de uma etnobiografia (GONÇALVES *et al.*, 2012), esta que quer reparar a antagônica relação entre subjetividade e objetividade, sujeito e cultura, individual e coletivo, ao repelir também a separação entre discurso, linguagem e experiência.

Da mesma forma, o conceito de etnobiografia afeta necessariamente não só o modo como tratamos as histórias que os sujeitos etnográficos nos contam, mas também como contamos nossas histórias etnográficas sobre essas histórias e seus personagens-pessoas. Em outras palavras, a etnobiografia implica uma dimensão metanarrativa da etnografia, em que o lugar da agência da própria narrativa etnográfica torna-se *objeto etnográfico*. [...] Seguindo esta premissa, a realidade sociocultural não é apreendida a partir de uma concepção de representação, mas de experienciação do mundo (GONÇALVES *et al.*, 2012, p. 10).

Deste modo, tanto as imagens como as coleções e os arquivos, a relação entre antropólogas pesquisadoras em suas imaginações históricas, caminhos, desejos e desafios, se configuram como importantes direcionamentos para uma etnobiografia, ou ainda, uma metaetnografia. As histórias adormecidas, esquecidas ou silenciadas tanto

pela antropologia quanto por Vilma, são nesse novo momento etnográfico elaboradas e contornadas, a fim de que despertemos juntas num outro plano etnográfico, esse que envolve a vida e a morte de pesquisadoras, assim como o adormecimento e o despertar de imagens e arquivos.

## Referências

BATISTELLA, Aline Maira. Experiências etnográficas de Harald Schultz e Vilma Chiara entre os povos indígenas. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2017

BARROS, Nilvânia; ATHIAS, Renato, TORRES, Wilke. Espaços de memórias e identidade - Três exposições com fotografias do Acervo da coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira. Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 16, volume 23(2): 2012.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. Mana [online]. vol.14, n.2 pp.455-475. 2008.

CAMPOS, Sandra Lacerda. Por uma antropologia do olhar: a coleção Harald Schultz no Museu de Arqueologia e Etnologia. Cadernos de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro, v. 8(1), 1999, p. 145-160.

CAMPOS, Sandra. O olhar antropológico: o índio brasileiro sob a visão de Harald Schultz. São Paulo: PUC, 1996.

CHIARA, Vilma. Do cru ao cozido (ensaio sobre o tempo mítico dos Krahô”). Revista de Antropologia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Ciências Sociais. Vol. XXII pp. 30-38. S.Paulo. 1979.

\_\_\_\_\_. Vilma. Folclore Krahô. Revista do Museu Paulista, N.S. vol. XIII. pp. 333-375. S.Paulo 1961/1962.

\_\_\_\_\_. A semântica do cabelo. Revista do Museu Paulista, N.S. vol. XXII . pp.185-193. S.Paulo 1975.

\_\_\_\_\_. Parentesco Krahô: espaço e dinâmica. Revista do Museu Paulista, N.S. vol XXVIII.pp. 435-444. S.Paulo 1981/1982.

\_\_\_\_\_. A situação econômica e política dos índios Krahô, Estado de Goiás. Revista do Museu Paulista, N.S.pp.285-291. S.Paulo 1979.

\_\_\_\_\_. Le processus d’extermination des Indiens du Brésil. Les Temps Modernes, 24e. année. pp. 1072-1079. Paris, Décembre 1968.

\_\_\_\_\_. Sou Krahô, a terra viva. Dédalo 28. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia (USP). pp.97-107. S.Paulo 1990.

\_\_\_\_\_. Les Poupées d'Argile des Indiens Karajá, Rio Araguaia, Brésil . Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Dissertação de Mestrado. – Paris. 1969. USP, 1983.

\_\_\_\_\_. O Judeu Errante. In: CAMARGO, Ana Maria (org.) O Mistério da Biblioteca (contos). Curitiba: Ana Camargo Design, 2016, p. 29-50

COMAROFF, Jean & COMAROFF, John. Etnografia e imaginação histórica. Tradução de Iracema Dulley e Olivia Janequine. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [online]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *Mana* [online]. vol.10, n.2 pp.287-322. 2004.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado (tradução de Paula de Siqueira Lopes). Cadernos de Campo, n. 13, p. 155-161, 2005.

FRANÇOZO, Mariana. O Museu Paulista e a história da antropologia no Brasil entre 1946 e 1956 . *Revista De Antropologia*, 48(2), 585-612. 2005.

GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. Introdução. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). Etnobiografia: subjetivação e etnobiografia. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 9-17. 2012

MARCUS, George E.; FISCHER, Michael J. Anthropology as cultural critique. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1986.

MELLO, Marcelo M. Visões do campo sobre o arquivo (e vice-versa). In: Etnografias, etnografias: ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico. Feriani, Daniela Moreno, Org.; Cunha, Flávia Melo da, Org.; Dulley, Iracema, Org.; São Paulo. Annablume; Fapesp, 2011.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). *Mana* [online]. vol.3, n.1 pp.41-73. 1997

SAMPAIO-SILVA, Orlando. O antropólogo Herbert Baldus. *Rev. Antropol.* [online], vol.43, n.2, pp.23-79. 2000.

SCHADEN, Egon. Filmes etnológicos da Escola de Comunicações e Artes da USP. *Revista De Antropologia*, 23, 177-183. 1980.

SCHULTZ, Harald. *Vinte e três índios resistem à civilização*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1953.

\_\_\_\_\_. *Notas sobre magia Krahó*. *Sociologia* XI, 4: 450-463. 1949.

\_\_\_\_\_. *A criação dos homens: lenda dos índios Umutina*. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. CXXVIII, p. 64-68, 1949.

\_\_\_\_\_. *Brazilian big-lipped indians*. *The National Geographic Magazine*. Washington, v. CXXI, n.1, p. 118-133, 1962.

\_\_\_\_\_. *Children of the sun and moon*. The National Geographic Magazine. Washington, v. CXV, n.3, p. 340-363, 1959.

\_\_\_\_\_. *Como as moléstias vieram ao mundo*. Revista do Arquivo Municipal. São Paulo, v. CXXXVI, p. 97-99, 1950.

\_\_\_\_\_. *Condenação e execução de médico-feiticeiro entre os índios Krahó*. Revista do Museu Paulista. São Paulo, v. XII, p. 185-197, 1960.

\_\_\_\_\_. *Informações etnográficas sobre os Umutina*. Revista do Museu Paulista. São Paulo, v. XIII, p. 75-313, 1961/62.

\_\_\_\_\_. *Informações sobre os índios do alto rio Purus*. Revista do Museu Paulista. São Paulo, v. IX, p. 191-201, 1955.

\_\_\_\_\_. *Vocabulário dos índios Umutina*. Journal de Ia Societé dês Américanistes. Paris, v. XLI, n.1, p. 81-137, 1952.

\_\_\_\_\_. *Hombu: Indian Life in the Brazilian Jungle*. Rio de Janeiro: Colibris, 1962. SCHULTZ, Harald; CHIARA, Wilma. Informações sobre os índios do Alto Purus. Revista do Museu Paulista, n.s. vol. IX, págs. 181/200, São Paulo. 1955

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

STEWART, Julian H. "*Handbook of South American Indians*". *America Indigena*, 1(1): 47-50. 1941

STRATHERN, Marilyn. 2014. O efeito etnográfico, in: O efeito etnográfico e outros ensaios. SP: Cosac&Naif.

TAMBASCIA, Christiano Key. *Constituindo carreira e coleções etnográficas*. Revista de Antropologia da UFSCar, v.5, n.1, jan.-jun., p.98-116, 2013